

CARTA A UM AMIGO

Luís Campos

Vai para dois anos que partiste.

Apesar de tudo se ter passado rapidamente, cedo te apercebeste que a tua vida ia acabar. Utilizei termos científicos, lacónicos, para te noticiar o destino e especificar a etiologia do teu caso. Dispensaste outras palavras, por inúteis, lendo nos meus silêncios, e nem um protesto te ouvi. Assististe à minha incapacidade para modificar a história natural da tua doença, e apenas pude aliviar o teu sofrimento.

Fingiste, para poupar os outros e, no fim, desejava partir.

No princípio, a tua ausência era esmagadora. Fazia-nos falta a tua companhia, a amizade, a paixão contagiante pela vida, a tua graça de «clown», o humor irónico, a cultura do teu espírito, as longas conversas diante de umas cervejas. Agora, visitas cada vez menos a nossa memória e a tua figura vai-se indefinindo.

A ti, já ninguém devolve a vida que ficou por viver, os beijos que deixaste por dar, os sonhos não realizados, as viagens que não fizeste. As telas cruas já continuaram à espera de serem sulcadas pelos teus gestos de cor.

A tua morte veio noticiada na revista do ano, entre as do Óscar Acúrcio e da Amélia Rey Colaço. Próximos de ti, também o Dacosta e o Durrell.

Não chegaste a saber que nesse mês a Alemanha ganhou o campeonato do mundo e, depois, houve uma guerra no Golfo e tréguas em Angola, que a U.R.S.S. se desmoronou, e que uma dura seca destrói o teu Alentejo este ano.

Os teus amigos, esses, vão tendo alguns sucessos, o gordo vai a Kassel fazer um rio de mármore, Xana espalhou nos jardins da reitoria as únicas esculturas modernas que Lisboa já teve, mas já não tem, o José Justo regressou à pintura, o Gonzalez vai para França, o Espanca está quase agricultor, Palolo tem uma exposição na Gulbenkian, e até tu já vendes quadros a altos preços apesar da retrospectiva ainda não ter acontecido. Para a próxima, fazes a coisa a fingir e tiras tu os proventos.

Sabes, nasceu a tua neta e está belíssima, chama-se Inês. Nasceu no hospital que tu bem conheceste. E também o bebé da Lena e do João.

Eu fui apanhado pela tua morte numa altura difícil e, apesar de ter assistido a tantas, parece que esse treino não me deu resistência. De novo voltou esta consciência de viver na eminência do nada e outras questões foram-me despertadas. Ensino há anos o diagnóstico da morte, a decisão técnica da reanimação, mas ainda não tinha pensado sobre esta tremenda mudança sociológica que é o fim dos rituais da morte, eu que ainda me lembro dos funerais na aldeia beirã de meus pais. Ainda não me tinha apercebido do esforço que todos fazem para ocultar a morte em si e a morte de cada um em particular, e como disso faz parte a sua progressiva hospitalização. A estas reflexões me tenho dedicado o último ano e meio e a elas tenho praticamente reduzido as minhas intervenções públicas.

A esta distância, no entanto, sentimos desejo de te celebrar e ao mesmo tempo chamar a atenção para a tua obra. Na realidade, a maior parte dela ainda continua por mostrar. A tua recusa do auto-academismo a que muitos cederam, o caminho solitário da busca da tua verdade estética, a pureza da tua originalidade, não proporcionou, em tempo, o reconhecimento público que te era devido. Ganham sempre os ilustradores de si próprios, os virtuosos, os amáveis, os compadres da crítica e do poder, e tu foste ficando para trás, segregando aquele rancor próprio dos resistentes e vítimas da mediania, da prudência, da incultura epidémica do nosso pequeno mundo.

Queria também mostrar com os teus amigos, como tu foste importante para todos nós, como a tua forma de estar na arte e na vida influenciou a todos, como tu tens direito ao reconhecimento do teu trabalho, e nós, o dever de partilhar essa experiência boa de o termos acompanhado.

Juntei finalmente algumas das fotografias que fizemos ao longo de dez anos, fruto das nossas cumplicidades, com outras, realizadas após a tua morte, mas directamente inspiradas em ti, na tua obra, nos teus sonhos. Sempre tentaste fazer dos teus amigos artistas, promoveste a minha primeira exposição, devia-te isto. Penso que terias gostado de ver.

É esta a história de três exposições a que demos o título de «Joaquim Bravo, Reencontros». Não é uma homenagem, palavra que detestarias. É isso mesmo, um reencontro com a nossa memória de ti, do público com a tua obra, e de nós, teus amigos, uns com os outros.

No fim, à volta de uma mesa, vamos abrir um Barca Velha, partir um queijo de Serpa, beber e comer juntos. Talvez choremos ou talvez não falemos sequer de ti.

Até sempre
Luís Campos
Lisboa, Março de 1992

in Joaquim Bravo, Reencontros, catálogo da exposição, Lisboa, pp. 5-13;
In Joaquim Bravo, catálogo da exposição, Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian,
Lisboa, 2000; pp. 215-216